

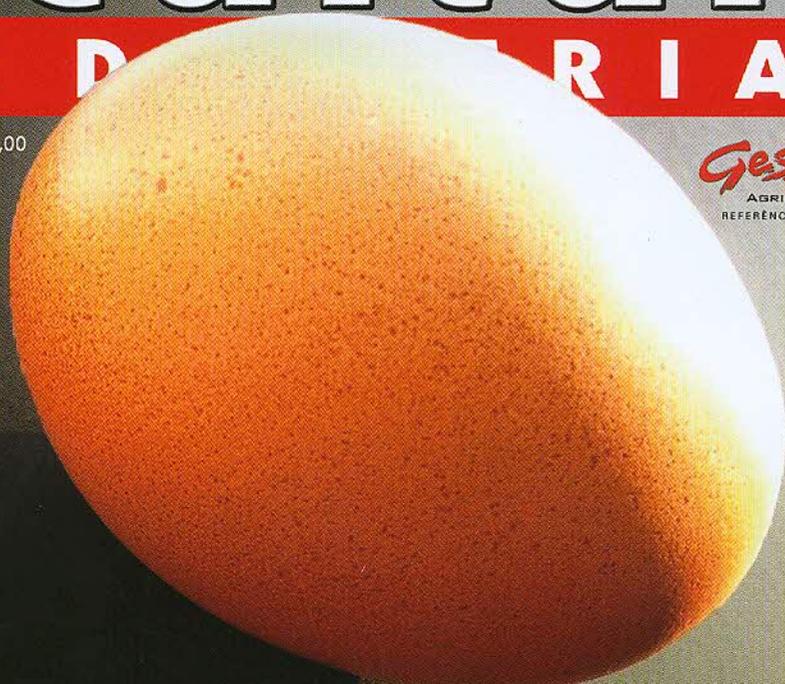
Avicultura

INDUSTRIAL

Nº 06|2014 | ANO 105 | Edição 1234 | R\$22,00

Gessulli 
AGRIBUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO

ISSN 1516-3105



CATÁLOGO OFICIAL DA
55^a FESTA DO OVO
DE BASTOS

Confira a relação de todas as empresas avícolas participantes do principal evento do setor produtivo de ovos comerciais do Brasil.

ESPAÇO DO OVO & DA POEDEIRA

Artigo discute a biossegurança em granjas de poedeiras comerciais, indicando a necessidade de se começar a pensar em núcleos de produção de ovos "todos-dentro-todos-fora" (*all-in-all-out*).



BIOSSEGURIDADE EM GRANJAS DE POEDEIRAS

No setor de produção comercial de ovos a biosseguridade deveria ser tratada com maior cuidado, pois os núcleos abrigam aves de múltiplas idades. Isso dificulta ou quase que impossibilita eliminar uma enfermidade quando esta ingressa no plantel.

Por | Luizinho Caron¹, Jonas Irineu dos Santos Filho² e Dirceu João Duarte Talamini³

No mundo todo o agronegócio é caracterizado por sua dinâmica em implementar novas tecnologias, as quais são fundamentais para garantir sua competitividade. Nas granjas de poedeiras comerciais brasileiras, essa realidade não é diferente e a sustentabilidade da cadeia em médio e longo

prazos é mantida pela inovação. A biosseguridade pode ser definida como o conjunto de medidas que visam minimizar a entrada de micro-organismos indesejáveis no sistema de produção. As medidas preventivas são fundamentais para o setor de produção de ovos. Estas medidas devem atender as expectativas dos consumidores, bem como evitar

barreiras comerciais devido ao não atendimento de requisitos sanitários mínimos. No setor de produção comercial de ovos a biossegurança deveria ser tratada com maior cuidado, pois os núcleos abrigam aves de múltiplas idades. Isso dificulta ou quase que impossibilita eliminar uma enfermidade quando esta ingressa no plantel. Assim fica claro a necessidade de medidas de biossegurança mais restritivas para o setor de postura. Acharmos que já seja o momento de começar a pensar em núcleos de produção de ovos *todos-dentro-todos-fora* (*all-in-all-out*)! O mercado de ovos brasileiro ainda tem um enorme potencial de crescimento, mas o mercado externo também deveria ser mais bem explorado, aproveitando os mercados abertos pela carne de frango. Mas para atingir estes mercados, o setor de postura deverá investir em biossegurança e bem-estar animal. Portanto, melhorar a biossegurança nas granjas e investir em bem-estar é fundamental para a sustentabilidade do setor.

CONCENTRAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA PRODUÇÃO

A produção de ovos no Brasil passou por uma grande mudança na sua distribuição espacial nos últimos 25 anos. A produção, que em 1987 era concentrada em São Paulo (42,4%), Minas Gerais (10,9%), Paraná (9,5%) e Rio Grande do Sul (7,9%), mostrando que a parcela dos quatro maiores Estados produtores (CR4) era de 70,68% e, juntamente com a produção do Ceará (6,44%), Pernambuco (4,17%), Goiás (3,9%) e Santa Catarina (3,63%), completavam a parcela da produção dos oito maiores Estados produtores (CR8), que era de 88,82%.

Já em 2013, observa-se uma expressiva desconcentração na produção tanto em quantidade como na distribuição espacial. O CR4 continua sendo formado por São Paulo (29,85%), Minas Gerais (10,5%), Paraná (9,28%) e Rio Grande do Sul (7,83%), totalizando 57,47%. Mas, completa agora o CR8 os Estados de Espírito Santo (7,39%), Mato Grosso (6,15%), Goiás (5,73%) e Santa Catarina (4,88%).

Desta forma, vê-se que a produção de ovos mostrou algumas características na sua dinâmica de distribuição espacial entre 1987 e 2013, conforme é mostrado a seguir:

a) a produção de ovos seguiu o deslocamento da produção de milho e farelo de soja na região Centro-Oeste, assim seu crescimento é maior nas áreas produtoras de cereais;

b) a região Nordeste, em função do déficit de grãos para a produção, perdeu expressão ao longo deste período. O

Ceará, quinto maior produtor em 1987, e Pernambuco, sexto maior produtor no mesmo ano, caíram no ranking para 10° e 11° em 2013;

c) ainda que tenha déficit de grãos, o Espírito Santo desponta como grande produtor nacional;

d) além de Pernambuco e Ceará, pode-se constatar a desestruturação da produção de ovos no Estado do Rio de Janeiro, com uma taxa de crescimento da produção negativa (-8,06%), passando de nono produtor nacional para 21° durante este período.

O futuro ainda é incerto. Entretanto, o crescimento da renda nas regiões mais pobres do Brasil ainda sinaliza um grande potencial de aumento no consumo e, conseqüentemente, na produção de ovos do Brasil. O desenvolvimento da produção de grãos na região conhecida como Matopiba (junção do Cerrados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), aliado a melhoria na malha de transporte ferroviário (Transnordestina), cria novas possibilidades para o retorno do protagonismo de Estados como Ceará e Pernambuco no cenário regional e nacional.

Gráfico 01. Comparativo da produção estadual de ovos de galinha - 1987 e 2013

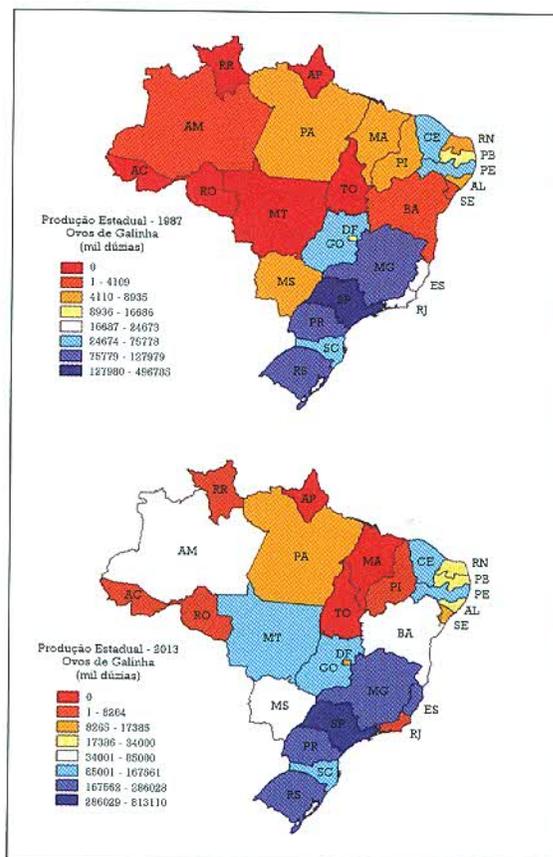


Tabela 01. Distribuição dos produtores industriais de ovos por tamanho e Estado

Estados	Total	De 1.000 a 4.999	De 5.000 a 9.999	10.000 a 300 mil	Mais de 300 mil
Rondônia	44	33	3	8	0
Acre	23	17	3	3	0
Amazonas	53	17	8	28	1
Roraima	2	1	1	0	0
Pará	62	37	4	21	0
Amapá	3	2	0	1	0
Tocantins	20	19	0	1	0
Maranhão	38	31	2	5	0
Piauí	46	31	4	11	0
Ceará	71	20	9	42	4
Rio Grande do Norte	33	12	3	18	0
Paraíba	51	28	9	14	1
Pernambuco	119	37	20	62	2
Alagoas	7	5	0	2	2
Sergipe	26	16	1	9	0
Bahia	66	48	4	14	2
Minas Gerais	243	115	25	103	6
Espírito Santo	172	55	32	85	5
Rio de Janeiro	22	13	2	7	0
São Paulo	542	111	48	383	18
Paraná	517	181	87	249	2
Santa Catarina	344	92	59	193	1
Rio Grande do Sul	759	121	250	388	4
Mato Grosso do Sul	62	6	11	45	0
Mato Grosso	91	66	7	18	1
Goiás	105	65	9	31	3
Distrito Federal	32	15	1	16	0
Macrorregiões					
Centro-Oeste	290	152	28	110	4
Norte	207	126	19	62	1
Nordeste	457	228	52	177	11
Sul	1103	213	309	581	5
SE	979	294	107	578	29
Brasil	3.553	1.194	602	1.757	52

Fonte: Censo Agropecuário 2006; UBABEF (2011)

O baixo preço dos grãos no Cerrado será minimizado com a mudança na logística brasileira, diminuindo, assim, a vantagem do custo de alimentação. Ainda assim, esta região manterá um grande protagonismo no mercado de produção de proteína animal no Brasil.

Em termos de padrão tecnológico e tamanho da produção, existe uma grande heterogeneidade. Coexistem produtores com estoque de mil poedeiras até produtores com mais de quatro milhões de poedeiras alojadas. Os padrões construtivos vão desde os aviários californianos tradicionais até sistemas totalmente climatizados e automatizados.

Em termos tecnológicos, um grande desafio para a pesquisa agropecuária é o desenvolvimento de sistemas de produção com possibilidades de abrigar produtores de

pequena escala e, ainda assim, garantir a biossegurança e a ambiência na produção.

A BIOSSEGURIDADE NA AVICULTURA DE POSTURA COMERCIAL: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Biossegurança é o termo empregado para designar medidas que visam garantir a saúde de um rebanho, reduzindo a entrada de agentes infecciosos que possam comprometer a saúde dos animais e/ou do consumidor.

Devido à melhora na qualidade de vida, educação e à inovação científica, o que gera novos conceitos e consequentemente um escrutínio mais apurado com relação à qualidade e segurança dos alimentos, os governos tendem a fechar seus mercados quando da ocorrência de doenças

transmitidas por alimentos importados, em virtude de estes estarem contaminados com agentes como salmonela, que é o principal causador de infecção alimentar em humanos. Com os meios de comunicação de hoje, mesmo pequenos incidentes relacionados à segurança dos alimentos podem levar a sérias consequências à cadeia produtiva de um país. Como exemplos, o dramático surto de Influenza Aviária H5N1 em 2005 na Ásia, que gerou bilhões de dólares em prejuízos e levou à miséria milhões de pessoas, e o *recall* de mais de meio bilhão de ovos devido à contaminação por salmonela nos Estados Unidos, episódio que deixou mais de mil pessoas doentes em 2010.

Ações preventivas são imprescindíveis. Tanto a avicultura de corte quanto a de postura devem estar atentas com a qualidade de seus produtos frente às exigências dos consumidores, bem como com relação às barreiras sanitárias que impedem ou dificultam a circulação de produtos de origem animal em condições sanitárias desconhecidas ou de risco.

Na avicultura de postura comercial, a biossegurança tem uma relevância ainda maior devido à prática de produção contínua; prática que permite num mesmo complexo de produção, lotes de aves de diferentes idades coexistirem. Nessa forma de produção, não é observado a regra de biossegurança conhecida como "all-in all-out" ou "todos-dentro-todos-fora", cujo objetivo é quebrar o ciclo de patógenos pelo despovoamento do aviário e subsequente limpeza e desinfecção do local. Nos sistemas produtivos onde não é aplicada a prática do despovoamento total periódico, as demais práticas de biossegurança tornam-se ainda mais necessárias visando prevenir o ingresso e a persistência de enfermidades no sistema produtivo, as quais causam prejuízos e colocam em risco a saúde do consumidor.

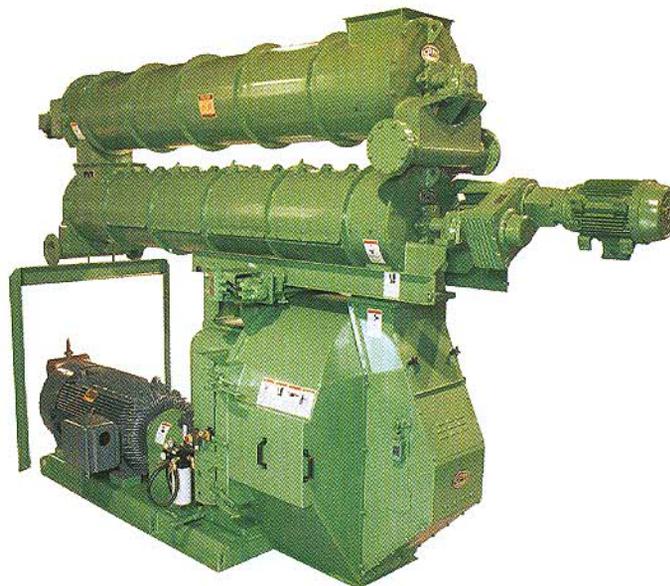
Segundo Pippi Salle (Doenças das Aves, Cap. 1, 2009) os meios mais comuns de disseminação de doenças são através de:

- > Introdução de aves doentes;
- > Introdução de aves portadoras sem sinal clínico;
- > Contato com objetos contaminados (fômites);
- > Carcaças de animais mortos;
- > Água ou alimento contaminado;
- > Roedores e insetos;
- > Aves silvestres;
- > Sapatos e roupas dos funcionários e visitantes;



**CALIFORNIA
PELLET MILL**

Seu Parceiro em Produtividade



A pelletizadora da California Pellet Mill tem tecnologia comprovada ao longo de 141 anos. Tradição, solidez, durabilidade, baixo consumo de energia e baixos custos de manutenção.

Proteja seu investimento exigindo alto volume de produção e peletes de qualidade superior.



**CALIFORNIA
PELLET MILL**

Seu Parceiro em Produtividade

Rua Dr. Renato Paes de Barros, 714 – 13º andar – cj 134
São Paulo SP Brasil 04530-001

tel. 55 [11] 3078.4066

info@californiapelletmill.com.br

www.californiapelletmill.com.br

- › Introdução de objetos e equipamentos contaminados;
- › Via aérea;
- › Transmissão vertical.

Dessa forma, as práticas de biossegurança devem ser implementadas num plantel de aves de modo a minimizar os riscos de introdução e disseminação de enfermidades pelos meios acima citados. Instalações de aves planejadas de forma biossegura garantem retorno econômico ao produtor (Halvorson 2011).

Outra medida importante de biossegurança é o uso de vacinas para as doenças da produção ou para as enfermidades de notificação obrigatória. As vacinas são ferramentas estratégicas utilizadas para evitar a entrada de doenças infecciosas em um plantel, prevenir perdas ou reduzir excreção viral e, conseqüentemente, a disseminação de doenças. A estratégia de uso das vacinas vai depender do risco de introdução de determinada enfermidade para a região onde está localizado o plantel, idade das aves, se a enfermidade é endêmica ou exótica no plantel, das demais medidas de biossegurança implementadas e das normas governamentais.

Além das práticas de biossegurança, importância cada vez maior está sendo dada às informações sobre a rastreabilidade dos produtos e serviços. Essa também é uma realidade que está chegando para ficar no setor produtivo, não apenas o exportador, mas também do mercado interno. Para atingir essa meta faz-se necessário a adoção de um programa de Boas Práticas de Produção (BPP) com monitoramento constante visando auditoria reconhecida oficialmente.

A Embrapa tem participado de programas de implementação de Boas Práticas de Produção na suinocultura e na avicultura, as quais permitem melhorar a gestão da rastreabilidade e, conseqüentemente, a sustentabilidade das cadeias produtivas.

O ato de telar os aviários visa coibir o acesso de pássaros e reduzir os riscos de contaminação nas instalações. No entanto, a implantação de um sistema de BPP é fundamental para melhorar a eficiência, rastreabilidade e os padrões sanitários no sistema de produção.

Apesar das dificuldades do setor de postura comercial em implantar todas as exigências contidas nas Instruções Normativas (IN. 56 de 2007; IN. 59 de 2009 e, pela mais recente, IN. 10 de 2013), faz-se necessário adotar medidas que preservem os padrões de saúde dos plantéis avícolas nacionais. As implicações advindas da não implementação podem ser desastrosas para a sustentabilidade do setor. Podemos nos basear no exemplo do surto de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (HPAIV) que ocorreu em Jalisco, no México, em 2012. O surto foi causado por um vírus de influenza de baixa patogenicidade que, através da recombinação com rRNA 28S da galinha, tornou-o de alta patogenicidade, causando prejuízos estimados em US\$ 720 milhões e gerando danos sociais e econômicos (Kapczynski *et al.*, 2013).

Certamente, a implementação das medidas de biossegurança exigidas nas IN. 56, IN. 59 e IN 10 representam um grande desafio para a avicultura de postura no Brasil, mas estas também são uma oportunidade para a avicultura melhorar seus padrões sanitários e explorar novos mercados, aumentando assim a margem de renda e as oportunidades de negócios.

CONCLUSÕES

A biossegurança deve ser uma preocupação de todos os componentes da cadeia produtiva, desde os produtores de material genético e os de ovos até os produtores de insumos. As medidas de biossegurança e as Boas Práticas de Produção serão mais efetivas a partir do momento em que todos esses elos estiverem conscientizados da sua importância para sustentabilidade do setor. Temos duas maneiras principais para chegarmos a esse nível de conscientização: aprender com os exemplos observados no dia-a-dia, como o surto de IA H7N3, iniciado no México em 2012, ou o surto de IA H5N1, que se disseminou na Ásia e África a partir de 2005; ou, podemos esperar para termos a nossa própria experiência em solo brasileiro, o que deverá levar a conseqüências socioeconômicas nefastas para toda a sociedade. Ainda temos a opção de escolher qual o caminho e qual o futuro queremos deixar para as futuras gerações. 

¹Médico veterinário, DSc, chefe-adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Suínos e Aves

²Engenheiro agrônomo, DSc, pesquisador da Embrapa Suínos e Aves

³Engenheiro agrônomo, PhD, chefe-geral da Embrapa Suínos e Aves

As Referências deste artigo podem ser obtidas no site da Avicultura Industrial por meio do link:

www.aviculturaindustrial.com.br/?biosseguridade0614

Seção coordenada pelo médico veterinário e consultor avícola e da revista Avicultura Industrial Inaldo Sales Patrício.